

CIGANOS

Mirella Karpati*

(Traduzido do italiano por Ermilo E. Pretto)

Quem é o cigano? O que é que faz do cigano um cigano? Uma história comum, uma língua comum, tradições e costumes comuns? Todos esses fatores, que são elementos fundantes de uma etnia e que, ao lado do território e da estrutura política, constituem um povo, não chegam a ser tão determinantes para os ciganos. Excetuando a ausência de território e de estrutura política própria, os outros elementos se

revelam segmentados em variações infinitas de tal forma a constituir um quadro fluido, em permanente mutação, dando a impressão de fugir ao vínculo de uma definição. No entanto, onde quer que viva nos cinco continentes, o cigano afirma com orgulho: "*Rom sim, sou cigano*".

Esse talvez seja o primeiro elemento fundante da ciganidade: a afirmação da própria identidade. Cada rom conhece o outro rom, nos diversos países e nas dife-

rentes situações, enquanto tal em contraposição ao gajo, o não-cigano, indiferentemente de ele ser europeu ou asiático, americano ou australiano. Portanto, uma afirmação por oposição: nós os rom, o mundo dos homens (rom significa homem) e os outros, os gajo, ligados à casa, à posse da terra. Mas esta identidade, que se revela unívoca por oposição aos que lhe são diferentes, absolutamente não é assim em nível interno. Os ciganos subdividem-

Foto enviada pela autora



se numa multiplicidade de grupos e sub-grupos, dos quais continuamente se desprendem novos segmentos. É um exemplo típico de uma sociedade centrífuga - tal como Erikson definia a dos índios nômades da América - oposta à centrípeta da cultura ocidental, que há séculos busca unidade de língua, de costumes, de valores, no quadro da ideologia do estado-nação.

O forte crescimento demográfico (embora no passado estivesse condicionado por elevada mortalidade), o constituir-se de novas famílias, a busca de novos recursos econômicos, levam necessariamente à dispersão: e esta, unida à influência das várias culturas que acolhem, leva à diferenciação. Cada grupo se define na distinção em relação aos outros, aliás acentuando as diferenças para afirmar a própria identidade (*Amen san cace roma*, nós somos os verdadeiros ciganos). Por conseguinte, aquilo que o estudioso pode observar num grupo, não se estende necessariamente ao universo cigano, com o risco de estar descrevendo um cigano inexistente. Para se chegar, portanto, a uma descrição confiável, será necessário encontrar quanto seja redutível a um denominador comum, ressaltando que, no contato direto com cada grupo, é necessário prestar atenção às variantes, agir com clarividência para não violar os severos códigos de comportamento, enfim estar disponíveis à escuta no respeito aos interlocutores.

A História

O destino dos ciganos foi fortemente marcado pelas políticas adotadas em relação a eles, políticas de exclusão, de repressão, de assimilação: de todo modo, sempre de negação. Tendo partido da Índia antes do ano Mil, não se sabe por qual motivo e provavelmente em grupos distintos e em épocas diferentes, os ciganos historicamente são encontrados já estabelecidos entre os séculos XIII e XIV no Império Bizantino. Mas dois eventos históricos determinaram um novo êxodo: o avanço dos turcos e a redução à escravidão nos principados danubiano-balcânicos, escravidão essa abolida somente na segunda metade do século dezenove. Os cronistas europeus de 1400 anotam com diligência

sua passagem, atraídos pelo esplendor dos chefes, que ostentam títulos de voivoda, duque ou conde, pelas mulheres vestidas de forma estranha, pelos bandos de crianças carregadas por vezes em cestas no lombo de burros e cavalos, pela cor esverdeada da pele, que despertava obscuros temores. Os chefes concediam salvo-condutos do imperador Sigismundo e do papa Martinho V, que lhes garantia a 'liberdade de julgar', isto é, o privilégio de não estarem submetidos à justiça comum, privilégio esse que, tendo permanecido em vigor no império ausburgo, foi abolido por Maria Teresa em 1767.

A essa primeira grande difusão na Europa ocidental seguiram-se, ao longo dos séculos, outros deslocamentos de relevo, motivados por eventos bélicos, ou por razões econômicas, ou ainda pela deportação nas colônias da América e da Austrália a partir de 1500. Portugal, além de para o Brasil, os deportou para Angola e para Cabo Verde na África.

A primeira chegada dos ciganos ocorreu numa época de grandes transformações: estavam em fase de constituição os grandes estados modernos e era funcional à formação da consciência nacional a exclusão dos estrangeiros e de quantos se revelassem diferentes em razão de língua, religião ou costumes. Foram significativas as medidas de Fernando, o Católico, que, após haver unificado a Espanha sob o seu cetro, expulsa do reino em 1492 os mouros e os hebreus, acrescentando em 1499 também os ciganos. Em 1498 a Dieta do Império, tendo-se reunido em Augusta, já havia proclamado que quem provoca danos ou mata um cigano, não comete crime. A isso acrescentava-se uma situação especialmente difícil: carestias, pestilências, que dizimaram as populações européias, guerras de religião ou de predomínio provocaram êxodos e dispersões de gente reduzida à miséria e aterrorizada. A partir de 1500 multiplicaram-se os decretos de expulsão atingindo os ciganos mas igualmente vendedores ambulantes, mendigos, estrangeiros, tocadores, atores e até mesmo agricultores (Bolonha, 1591). Quem se contrapunha à expulsão era punido com a flagelação, com a amputação do nariz ou das orelhas, com a morte.

Mas houve também quem pensou em

explorar essa força de trabalho. Os homens eram condenados às galeras, sempre necessitadas de braços para os remos; as mulheres e as crianças eram trancadas nos chamados asilos de mendicidade, na verdade estabelecimentos de trabalhos forçados; os meninos acima dos oito anos, e até acima dos seis, eram encaminhados para os campos de trabalho. E tudo isso sem qualquer processo, pela simples razão de serem ciganos. O quanto esse extermínio, levado adiante nos estados da Europa ocidental, tenha sido eficaz, pode-se deduzir comparando o contingente da população cigana: segundo os dados levantados por Jean Pierre Liégeois para o Conselho da Europa em 1993, na Europa ocidental os ciganos chegam a um milhão e meio, ao passo que na oriental atingem sete milhões. Não foi constatada nenhuma perseguição na América e na Austrália.

Com o 'século das luzes' as perseguições violentas cessaram para dar lugar às tentativas de assimilação forçada, forma mais sutil de genocídio: uma vez apagado o nome cigano e substituído com o de novos húngaros ou novos castelhanos, foram proibidos o uso da língua, a prática de atividades tradicionais, os casamentos entre eles. Operação análoga foi levada adiante neste século pela civilizadíssima Suíça.

O século dezenove, com o positivismo, traz uma nova ideologia: a da ordem. Katarina Taikon, uma romni que nos anos 60 lutou com grande inteligência e eficácia pelos direitos de seu povo na Suécia, definia a ordem como 'vaca sagrada do Ocidente'. Nascia assim o estado policial, que tudo deve controlar e enquadrar. Os ciganos foram classificados como 'ociosos e vagabundos', predispostos até geneticamente à delinquência, segundo Lombroso, precursor dos teóricos da raça que julgarão 'cientificamente' legítimo o genocídio nazista.

O holocausto dos ciganos costuma ser minimizado ou escondido. O próprio governo de Bonn reconheceu somente em 1965 os ciganos como perseguidos raciais, enquanto que anteriormente sustentava que em relação a eles haviam sido tomadas medidas somente de prevenção à delinquência. 500.000 vítimas, das quais metade eram crianças, apenas para prevenir a criminalidade? De fato, nas primeiras

deportações (para Dachau a partir de 1936) os ciganos foram classificados como 'a-sociais', mas mediante o decreto sobre os ciganos (*zigeunererlass*) de 18/12/38 a questão cigana era inserida na questão racial; seguiram-se, em maio de 1941, a ordem de liquidação dos ciganos 'indesejáveis em termos raciais e políticos' e o Decreto de Auschwitz de 16 de dezembro de 1942 que determinava a "solução final" não somente dos ciganos da Alemanha mas ainda dos territórios ocupados pelo grande Reich. As vítimas dos campos de concentração nazistas devem ser acrescentadas as inúmeras massacradas no próprio lugar, esmagadas sob os tanques de guerra e queimadas vivas em suas moradias por 'grupos de ação' nazistas e por análogos grupos fascistas, tais como os guardas de Hlinka na Tchecoslováquia, os fascistas ucranianos, romenos e, especialmente ferozes, os fascistas croatas, os ustasha. Os horrores perpetrados em seus campos de extermínio de Jasenovac são indescritíveis.

Na Itália, os dispositivos raciais não atingiam os ciganos, mas somente os hebreus e os mulatos, filhos de italianos colonizadores da África. No entanto, desde 1938 as famílias ciganas da 'Venezia Giulia' foram rastreadas e deportadas para a Sardenha. Com a eclosão da guerra foram criados dois campos de concentração para os ciganos: em Agnone (Isernia) e em Tossiccia (Téramo). Após o dia 8 de setembro de 1943 os policiais que montavam guarda os deixaram em liberdade. Outros ciganos, indivíduos ou grupos familiares foram reclusos em quarenta campos de concentração criados pelo governo fascista para os hebreus, os estrangeiros e os dissidentes políticos.

Um destino comum, portanto, de negação e de perseguição atingiu todos os grupos ciganos na Europa, quem mais e quem menos. E ainda agora o racismo renascente, a xenofobia, os expurgos, para não falar dos loucos programas de 'limpeza étnica' não deixam de incluir em seus objetivos também os ciganos. Atualmente as organizações ciganas pedem que sua história seja ensinada, conscientes, na ótica da nova política que estão empreendendo, que ela poderia constituir um elemento forte de

coesão, embora a consciência dos sofrimentos passados corra o risco de tornar mais acentuada a dicotomia tradicional rom/gaje.

A língua

Como a história, também a língua cigana, a *romani cib*, se enraiza na Índia. Foram justamente os estudos linguísticos que, a partir de fins de 1700, permitiram identificar não somente a origem étnica mas ainda, através dos empréstimos linguísticos, as primeiras etapas das migrações das quais não foram encontrados documentos históricos: Irã, Afeganistão, Bizâncio. Alguns vocábulos persas, afegãos, muitíssimos gregos sobrepuseram-se à matriz indiana. Em seguida, a dispersão e a conseqüente diferenciação em dialetos, tão mais fácil tratando-se de uma língua que, desde tempos recentes, não conhecia a escrita.

Atualmente, uma jovem classe de intelectuais ciganos, sobretudo na Europa ocidental, não somente escreve poesias, histórias, vocabulários e gramáticas e publica revistas em língua cigana, mas empenha-se numa uniformização da língua para assegurar-lhe uma dignidade literária. Um primeiro importante congresso nesse sentido aconteceu em 1986 em Sarajevo, seguido por um outro em 1990 em Varsóvia com a participação sempre mais convicta dos rom. No momento, a Comissão das Comunidades Européias dá sustentação a uma equipe especial de estudo.

A língua, por conseguinte, de fator distintivo entre os grupos até o limite da incompreensão entre alguns deles, encaminhou-se para a unificação. A meta está ainda distante em razão da oposição de alguns grupos que ou identificam o próprio dialeto como a 'língua verdadeira' ou opõem resistência à sua divulgação, persuadidos de que a cripticidade possa continuar sendo uma arma de defesa contra os gaje. Por outro lado, há grupos, como os gitanos da Espanha que a haviam perdido porque seriam condenados à morte se a falassem, que agora a estudam para uma reapropriação, convencidos de que a língua é o sinal distintivo mais importante de um povo, o espaço cultural mais autêntico

principalmente se o povo não possui um território.

A tradição

Estrutura maior da sociedade cigana, seja qual for o grupo e em qualquer país, é a família, guardiã da tradição, garantia da observância do código moral, tutora de seus membros. Não se trata, é claro, da família nuclear, mas da família ampliada, a *bari familia* (grande família), que inclui quantos estejam ligados por vínculo de sangue. Em alguns grupos essa estrutura assume a codificação formal da *vitza*, dos "descendentes de ...: Jonesti, Doresti, (filhos de Jono, de Doro), etc. Ao longo de trinta e cinco anos de convivência com os ciganos só encontrei uma *vitza* com ascendente feminino, os Pluhacestos, entre os Lovaras. E isso porque a mulher é considerada de fato como uma estranha, pertencente a um outro sangue, e pode ser repudiada ou remetida para a sua família de origem: mas seus filhos permanecerão para sempre na família do marido. É sintomático que num acampamento, que acolha uma grande família, os homens mantenham entre si um relacionamento muito próximo, ao passo que as mulheres raramente chegam a alguma forma de familiaridade entre si.

O sangue, portanto, eleva-se em valor na concepção cigana: valor ambivalente, positivo e negativo ao mesmo tempo, porque portador de vida e de morte e, por conseguinte, impregnado por numerosos tabus. O hospital, o médico, o sacerdote estão ligados à morte e, portanto, os contatos com eles devem ser limitados ao mínimo; a título de exemplo, a mulher menstruada e a gestante são fonte de impureza e não podem sentar-se ao lado dos homens e nem lavar a própria roupa com a dos outros.

Por outro lado, o sangue é portador de vida por ocasião do nascimento, portador de novas alianças no casamento. A escolha da esposa, por conseguinte, assume importância particular com longas tratativas entre as famílias contraentes ou, se os jovens se unem contra vontade delas, em conflitos violentos e até sangrentos. Extremamente variado é o ritual das núpcias.

Uma tradição amplamente sentida é o culto aos mortos na consciência comum de que o *mulo*, o morto, possa reaparecer na forma de um animal ou de homem para pedir ajuda ou vingar-se se não for honrado de forma conveniente, para realizar uma tarefa inacabada, chegando a gerar um filho para garantir uma descendência. Se é comum o temor respeitoso, os ritos variam enormemente, desde o banquete ritual (*pomana*), próprio dos rom da Europa oriental, até a destruição pelo fogo daquilo que pertencia ao defunto entre os sintos. Os funerais são fastosos, com grande concorrência dos parentes mais distantes, de conhecidos e amigos, especialmente se morre alguém idoso, até o ponto de dar origem à lenda da morte do "rei" ou da "rainha" dos ciganos, que os "súditos devotos" exploram para tranquilizar-se e cumprir todos os deveres em relação ao próprio ente querido.

Tal como para o funeral, também para o batismo recorre-se ao sacerdote, para que purifique o recém-nascido, substituindo assim os antigos ritos de purificação, que no entanto subsistem ainda em algum grupo.

Pelo que diz respeito à religião, os ciganos se conformaram à dominante nos países nos quais se inseriram: cristãos ou muçulmanos. Mas não reconhecem grandes diferenças entre os diferentes credos, somente diferenças em nível de forma, dos ritos. O Deus no qual acreditam é criador, *Del* ou *Davel*, e um seu opositor, *Bengh*. É sempre o eterno dualismo entre o bem e o mal, o puro e o impuro, sorte ou desgraça, rom e gajo, que marca a visão cigana do mundo. Todo gesto da vida está marcado por invocações a Deus (*te del o Del...que Deus conceda...*). Deus é concebido como um pai misericordioso, ao qual é preciso entregar-se com confiança. A devoção a Nossa Senhora, muito difundida entre os católicos, a vê na condição de mãe (*Develeskeri daj*, Mãe de Deus). Transpõe-se para um plano sobrenatural as funções de pai e de mãe na tradicional família cigana. Há ainda os santos, dentre os quais a família escolhe o próprio protetor. Nos Balcãs é difundidíssimo o culto a São Jorge no dia 6 de maio, que na verdade é a grande festa da primavera. Até os muçulmanos não deixam de celebrá-la. Na Itália, o santo

mais venerado é Santo Antônio de Pádua, para o qual acorrem ciganos de todo lado no dia 13 de junho. É possível encontrar uma influência ainda maior no dia 24 de maio nas "Saintes Maries de la Mer" em Camargue ao redor de Sara a Kali (a preta).

Um outro elemento comum, embora com diferenças em suas novas explicações, é a administração da justiça para superar os conflitos internos ou para punir as transgressões ao código moral. Pode tratar-se de um "falar juntos" (*vakeriben*) dos homens mais influentes, tal como entre os Sintos, de uma delegação aos "mensageiros de paz" como os *pleznora* entre os Rom muçulmanos ou ao homem honrado, *patvalò rom*, entre os Rom abruceses, ou ainda de um verdadeiro tribunal, a *kris*, entre os Kalderasha ou os Lovara. Em certas épocas chegava-se até a condenar à morte; hoje aplicam-se multas e, nos casos mais graves, uma verdadeira "morte civil".

No setor da economia e do trabalho existem verdadeiras especializações de cada grupo, até o ponto de adotar o nome da própria atividade: assim, a título de exemplo, os Kalderasha caldeireiros, os Ferari ferreiros, os Lovara criadores de cavalos, os Ursari expositores de ursos adestrados, os Lautari músicos, etc. De todo modo, as atividades tradicionais caracterizavam-se por ser um trabalho livre, independente, no qual se podia dispor do próprio tempo de forma autônoma, de ser complementares à sociedade externa, sobretudo à economia rural. As comunidades ciganas nunca trabalharam nem produziram para si mesmas numa subdivisão de tarefas, mas sempre para os gajos, dos quais em troca obtinham aquilo que era necessário para a própria vida. Trabalhadores dos metais, criadores de equinos, vendedores ambulantes, fabricantes de cestos e de objetos de madeira, os ciganos sempre encontravam um mercado para os próprios produtos, e ainda os tocadores, os acróbatas, os adestradores de animais eram bem aceitos porque traziam o momento da festa. Agora esta relação se interrompeu e com excessiva frequência a única saída é a mendicância, ou até formas ilícitas de lucro.

Ligado à economia estava o nomadismo, no mais das vezes limitado a áreas regionais para o intercâmbio de produtos e de serviços. Mas o nomadismo

exercia também a função de reforçar a coesão social nas visitas aos parentes, no participar com toda a família a reuniões importantes, tais como casamentos e funerais. Agora o telefone e o carro facilitam as relações sociais, ao passo que as dificuldades de parada tornam quase impossível o nomadismo, que tende a desaparecer, com exceção para quem exerce uma atividade que exige mobilidade, como os Kalderasha, trabalhadores do cobre e os ourives, os Sintos do espetáculo ambulante.

As perspectivas atuais

Enormes são as mudanças que estão acontecendo em nosso tempo, que têm necessariamente repercussões na cultura cigana, inclusive pela influência cada vez maior das culturas que acolhem e a *romanipé*, a ciganidade, deve encontrar novas bases de apoio e novos pontos de referência para reforçar o espírito de pertença.

A mudança talvez mais interessante é a definição de uma identidade nacional. Já falamos do empenho em unificar a língua. Um sinal incontestável é o nascer de novas associações ciganas, algumas vezes efêmeras e ligadas a interesses particulares, às vezes de maior fôlego, voltadas à superação das barreiras internas impostas pelos laços de sangue, em vista de uma presença ativa nos postos institucionais, nacionais e internacionais, em defesa dos próprios direitos, dos direitos de todos os ciganos. Já existem partidos políticos ciganos na Hungria, na Romênia, na Bulgária; efetivou-se a *Romani Union*, a União mundial dos Rom, fundada em Londres em 1971 e reconhecida pela ONU em 1979 como organismo não-governativo.

Campos de miséria, de um lado, e vontade de resgate, de outro, fragmentação extrema e, no entanto, tendência à unidade. Qual será o futuro dos ciganos?

* Mirella Karpati é Doutora em Pedagogia e Diretora da revista de estudos ciganos "Lacio Drom".

- c lê-se como ch em espanhol.
- rom (fem. romni) significa homem cigano; o adjetivo é romanó (fem. í; pl. é).
- Gajo (pl. gaje) significa o homem não-cigano; espanhol payo.